



PRÁTICA DOCENTE FRENTE AO FENÔMENO DA VARIACÃO LINGUÍSTICA DIRECIONADA AS MÚLTIPLAS ÁREAS DA EDUCAÇÃO

Janaina Barra Ribeiro ¹

Maria Sebastiana da Silva Costa ²

¹ Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: janainabarra604@gmail.com

² Universidade Federal Rural da Amazônia. E-mail: maria.costa@ufra.edu.br

RESUMO: O presente trabalho aborda a relevância dos estudos sociolinguísticos no ambiente educacional. O mesmo teve como objetivo analisar o grau de conhecimento de professores de áreas distintas de Língua Portuguesa sobre a variação linguística. A pesquisa teve como embasamento teórico os pressupostos de Bagno (2017), Bortoni-Ricardo (2004), Fiorin (2018), entre outros. Como método foi utilizada a pesquisa bibliográfica juntamente com a pesquisa de campo de cunho qualitativa Lakatos e Marconi (2002; 2003). Para a realização da coleta de dados, aplicou-se um questionário elaborado na plataforma do Formulários Google, o qual contou com nove perguntas destinadas a professores de múltiplas áreas de ensino. Como resultado, pode-se verificar que os informantes têm conhecimento sobre a Sociolinguística, porém esse conhecimento é um pouco limitado, percebendo com isso o quão importante é ter na grade curricular dos cursos voltados para área da educação o ensino da sociolinguística.

Palavras-Chave: Sociolinguística Educacional. Variação Linguística. Preconceito Linguístico.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa aborda a temática da Sociolinguística na perspectiva educacional. Objetiva-se analisar o grau de conhecimento de professores de áreas distintas de Língua Portuguesa sobre o tema variação linguística e por conseguinte, qual o seu posicionamento em relação ao preconceito linguístico presente em sala de aula.

Nesse sentido, optou-se por realizar esta pesquisa no município de Tomé-Açu/PA, com professores da Escola Estadual do Ensino Médio Dr. Fábio Luz, não somente por saber da importância de tais profissionais tomarem conhecimento sobre a temática, mas pelo fato de ser um lugar que apresenta diversidade cultural, com a presença das comunidades, a saber: japonesa, quilombola e indígena, instalando-se assim muitas variantes linguística na fala da referida comunidade. Com isso, percebe-se a relevância de pesquisas como esta, pois iremos ter conhecimento se os professores de múltiplas áreas de ensino reconhecem a Sociolinguística e suas áreas de interesse.

É evidente que muitos pesquisadores discorrem sobre o estudo da Sociolinguística como: Bortoni-Ricardo (2004), Mollica e Junior (2006), Bagno (2007), Fiorin (2018) entre outros, a respeito de como o professor de português se comporta frente a variação linguística em sala de aula. Todavia, não se têm muitas pesquisas sobre o conhecimento do professor de outras áreas da educação em relação a essa temática. Diante disso, é necessário discutir essa questão, visto que, a variação e o preconceito linguístico estão presentes também nesses campos de atuação.

Outrossim, o ensino da língua muitas vezes está ligado apenas a norma padrão, a qual não valoriza e nem se interessa pelas diversas formas de comunicação, fazendo com que a educação fique engessada apenas ao ensino da gramática normativa. Isto, faz com que o aluno perca o interesse em aprender, uma vez que, o estudante se prende às regras do ensino mecanizado que a escola adotou. Desta forma, é necessário refletir a forma como o professor vai conduzir as questões que podem existir em sala de aula, como é o caso do preconceito linguístico.

Em virtude das diversas formas linguísticas

existentes na nossa sociedade, atreladas quase sempre às opiniões muitas vezes preconceituosas, faz-se necessário salientar algumas questões para a pesquisa, tais quais: Como o professor se porta em situações de preconceito linguístico? Os professores de outras áreas da educação conhecem os pressupostos da sociolinguística? Será que o educador leva em conta a existência das variantes linguísticas?

Para responder tais questionamentos, elencou-se como objetivo geral, a saber: analisar os conhecimentos dos professores de áreas distintas de língua portuguesa sobre a variação linguística. E para que o objetivo geral fosse alcançado, utilizou-se os seguintes objetivos específicos: Verificar a ocorrência de preconceito linguístico em sala de aula, por meio das observações; observar o comportamento do professor frente a variação linguística que possa ocorrer em sala de aula; obter informações através de questionário, se os professores de outras áreas de ensino conhecem o conceito de variação linguística.

O trabalho tem como procedimento metodológico, a pesquisa bibliográfica em livros e artigos científicos que abordam a temática da sociolinguística no ambiente escolar. No segundo momento, foi feita a pesquisa de campo para a coleta de dados com os professores do Ensino Médio da Escola Dr. Fábio Luz, onde foi utilizado a pesquisa in loco como: a observação em sala de aula. Por conseguinte, foi aplicado um questionário aos professores de 1º, 2º e 3º ano das disciplinas de matemática, história, geografia e biologia da referida instituição escolar. Os dados da pesquisa foram apresentados em gráficos e quadros para poder analisar de forma mais precisa a que ponto está o conhecimento dos informantes a respeito da Sociolinguística na perspectiva educacional.

Consoante a isso, os métodos da pesquisa estão divididos em três momentos: O primeiro é o estudo do embasamento teórico aprofundado nas ideias de autores da sociolinguística e do preconceito linguístico entre eles estão: Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007), Antunes (2007) Mussalim e Bentes (2012), e Silva (2013), Mollica e Junior (2016) e Fiorin (2018). O segundo momento foi destinado para a observação e aplicação do questionário através do formulário Google e o terceiro e último momento,

a tabulação dos dados obtidos.

Posto isso, o trabalho está organizado nas seguintes seções: Introdução, Referencial Teórico, Metodologia, Discussões e Resultados, Considerações Finais e Referências.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Nesta seção, abordar-se-á o marco teórico que fundamentou esta pesquisa. Logo, para uma melhor organização, o referencial foi disposto em quatro subseções, sendo que a primeira discorrerá sobre “Os pressupostos teóricos da Sociolinguística”, a segunda subseção dialoga com a primeira, que vem discutir sobre “a Sociolinguística e o Ensino”, reportando-se a importância da sociolinguística na perspectiva educacional e por fim, a terceira subseção aborda “o Preconceito Linguístico”.

2.1 Os pressupostos teóricos da Sociolinguística

A Sociolinguística é uma área de investigação, que estuda os fenômenos linguísticos em contexto social dentro de uma comunidade linguística. Nessa perspectiva, a teoria sociolinguística surgiu em meados dos anos 60, com uma manifestação sobre as teorias estruturalista e gerativista da época, visto que, ela veio propor o desenvolvimento da concepção da linguagem no contexto social, isto significa que, a língua passa a ser estudada como um fator social do falante em uma comunidade linguística diversificada. Conforme Alkmim (2012)

[...] o objeto da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, isto é, em situações reais de uso. Seu ponto de partida é a comunidade linguística, um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. (ALKMIM, 2012, p. 33)

Deste modo, o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística, isto é, ela analisa a relação da língua em sociedade, pelas mudanças e variações existentes na linguagem. Logo, para a diversidade linguística se desenvolver, foi preciso identificar quais fatores influenciam, como por exemplo, o contexto social, que é as diferentes formas que influenciavam a língua.

Nesse viés, Willian Labov foi o grande precursor do estudo da sociolinguística no mundo, formulando

um modelo de descrição e interpretação dos fenômenos linguísticos no contexto social. Labov enfatizou que as variedades linguísticas relacionam-se com: origem, experiências e necessidades dos indivíduos de se comunicarem nos grupos em que pertencem. Sendo assim, “como o indivíduo vive inserido em uma comunidade, deverá haver semelhanças entre a língua que ele fala e a que os outros membros da comunidade falam”. (BELINE, 2017, p. 128).

Ao estudar uma comunidade, percebe-se instantaneamente a diversidade linguística que a caracteriza. Assim, cada pessoa contém um repertório particular verbal, que pode ocorrer variações por apresentar diferentes formas de dizer algo que tenha o mesmo significado.

É notório que no meio acadêmico, professores ainda têm dificuldade em lidar com esses chamados “erros”³ de português em sala de aula, o que na verdade, isso se constitui pela incapacidade de identificar e lidar com a variação linguística. A postura do professor diante de tais fatos, é buscar se adequar às mudanças, ou seja conhecer e identificar as diferenças dialetais, para que em seguida possa apresentar as variantes padrão para os alunos sem precisar intervir ou corrigir tais desvios pelo uso da variante não-padrão.

[...] é pedagogicamente incorreto usar a incidência do erro do educando como uma oportunidade para humilhá-lo. Ao contrário, uma pedagogia que é culturalmente sensível aos saberes dos educandos está atenta às diferenças entre a cultura que eles representam e da escola, e mostra aos professores como encontrar formas efetivas de conscientizar os educandos sobre essas diferenças. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.38).

Em relação a essas variantes, Bortoni- Ricardo (2004, p. 37) considera que as variáveis padrão e não-padrão se justapõem em sala de aula. Porém, o que podemos observar é que, na maioria dos casos o professor prioriza o ensino da língua através da norma padrão, e quando há uma variação na fala do estudante (não-padrão), os docentes acabam corrigindo a fala do aluno como se fosse “errado” se expressarem dessa maneira, gerando nos mesmos, um certo incômodo em relação ao uso de sua língua materna. Nesse sentido, Bortoni- Ricardo(2004), ressalta:

³ É importante destacar que, ao logo desse trabalho utilizamos o termo “erro” para tratar questões que se afastam da norma-padrão.

Assim, é importante relacionar estudos voltados para os pressupostos teóricos da sociolinguística, pois “a língua portuguesa, no Brasil, possui muitas variedades dialetais. Identificam-se geográfica e socialmente as pessoas pela forma como falam” (BRASIL, 1997, p. 26). Com isso, irá se compreender e esclarecer questões relacionadas à linguagem nas diferentes situações de uso.

Como os estudos da sociolinguística são de caráter interdisciplinar, trabalhar com ela em outras disciplinas é de muita relevância, haja vista que ocorrem também variações nessas múltiplas áreas de saberes. Então, nota-se a importância desses outros profissionais da educação se envolverem nessa temática, para que eles não cometam falhas ao corrigir o aluno que usou uma norma não padrão para se comunicar. Dessa maneira, a próxima subseção tratará da importância da sociolinguística no campo de ensino.

2.2 Sociolinguística e o Ensino

No mundo contemporâneo em que vivemos, percebe-se que um dos grandes desafios enfrentados pelos professores em geral, é quais saberes gramaticais devem ser ofertados na escola, uma vez que, o sistema de ensino confunde em se pensar que o ensinamento de uma norma padrão não se aproxima dos diferentes usos efetivos da língua nas mais variadas situações sócio comunicacionais.

Esse pensamento ultrapassado gera dois grandes problemas no ensino da língua materna: o primeiro é o preconceito linguístico e o segundo é a falta de orientação em casos de diversidade linguística a ser considerado em sala de aula. Com isso, nota-se a importância da sociolinguística educacional.

Partindo dessa premissa, uma das pioneiras desse movimento é Stella Maris Bortoni-Ricardo. Segundo Bagno (2004, p. 7), ela empenhou-se fortemente no estudo sobre a sociolinguística educacional, um campo teórico que a mesma inaugurou entre os educadores. Ademais, nesse campo de estudo Bortoni-Ricardo (2004), buscava documentar a cultura específica de cada migrante, pois para ela, eles apresentavam uma rede linguística muito ampla.

Em vista disso, Bagno no livro educação em língua materna a sociolinguística na sala de aula de

Bortoni-Ricardo (2004), aborda que a educadora, “foi investigar, não só a língua, mais também as redes sociais e a cultura específica dos migrantes de origem rural, forçada a se instalar nas periferias das grandes cidades e a enfrentar a sociedade letrada[...]”. (BORTONI-RICARDO, 2004, p.7).

Dessa maneira, Bortoni-Ricardo percebia na fala desses migrantes a presença de variedades linguísticas, uma vez que, eles constituem a maioria da nossa população. Esses cidadãos eram negligenciados pela sociedade letrada, pois como eles viviam em zonas rurais ou periferias eram considerados analfabetos, pelo fato deles usarem a linguagem informal para se comunicarem. Diante disso, é preciso ter entendimento das relações entre língua e os fatores sociais que se estabelecem, favorecendo assim a compressão sobre as variações linguísticas.

Em torno dessas reflexões, a função do professor em sala de aula é imprescindível, levando em consideração que ele é o responsável pelo conhecimento que o aluno adquire dos conteúdos, e também, na formação da postura do aluno frente às várias formas de comunicação.

Tendo em vista o percurso histórico da educação, é essencial o ensino das variações, pois além do ensino tradicional da gramática, o aluno tem que ter conhecimento sobre a existência das variações linguísticas e que elas não são menos importantes que a linguagem padrão.

Desta forma, a escola é um lugar apropriado para se discutir as diversidades linguísticas, transformando assim as aulas em um momento de aprendizado, levando o aluno a adquirir novos conhecimentos a respeito de cada grupo social, para que com isso, não ocorra o preconceito linguístico, tema esse que será discutido na próxima subseção.

2.4 O Preconceito Linguístico

A partir da inserção da sociolinguística, pode-se perceber a relação íntima que a mesma possui com a língua e sociedade. E é por causa dessas evidências que os acervos dos estudos da sociolinguística podem apresentar um caminho para entender melhor o fenômeno social chamado preconceito linguístico. Além disso, a posição social faz com que ocorra uma descriminalização da linguagem imposta por grupos

considerados superiores, ocorrendo com isso, o surgimento de atitudes preconceituosas em relação às variedades linguísticas não padrão. Nesse sentido, Bagno (2007) advoga que:

O preconceito linguístico se baseia na crença [...] que só existe, uma única língua portuguesa digna de ser aceita, ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas normativas e catalogadas nos dicionários e qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2007, p. 38).

Desta forma, cria-se essa concepção de que a linguagem de grupos superiores é a mais adequada, havendo com isso, uma exclusão de todos aqueles que não usam essa linguagem imposta por uma parte da sociedade. Porém, a sociedade é considerada heterogênea e o mais comum é que haja variações de linguagem, visto que tais variações apresentam formas peculiares de um povo, principalmente no que diz respeito à língua. Assim, não podendo excluir as diversidades linguísticas existentes na sociedade.

Outrossim, atitudes preconceituosas relacionadas à linguagem são consideradas comuns no nosso cotidiano, porém é inaceitável quando elas partem de um profissional da educação, posto que destes tinham que partir a conscientização sobre as diferentes formas de comunicação que ocorrem em sala de aula. Esclarecer que os costumes, a língua e os hábitos de um determinado povo, não é atrasado e nem primitivo, mas sim uma característica própria de cada comunidade, logo “o preconceito linguístico, como qualquer outro preconceito, resulta de avaliações subjetivas dos grupos sociais e deve ser combatido com vigor e energia”. (BRASIL, 1998, p.82).

Em suma, cada indivíduo possui características próprias, no modo de agir, de se expressar e principalmente de se comunicar. Assim, os PCN's (1998) enfatizam que a língua é o elo principal para o ser humano socializar em um determinado grupo de fala. Desta forma, a linguagem nos é concebida para que haja a comunicação em diversas formas situacionais. Sendo assim, o problema do preconceito linguístico difundido na escola deve ser enfrentado, “não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística”. (BRASIL, 1998, p. 82). Então, a questão não é falar “certo” ou

“errado”, mas sim conhecer e respeitar os contextos de cada situação de interação comunicacional. O preconceito linguístico não é um tema restrito apenas ao contexto educacional, ele também está ligado a fatores de ordem social, pois em todas as esferas de socialização podem ocorrer algum preconceito pelo modo com que o interlocutor dialoga, essa adversidade pode gerar um constrangimento nos mesmos ao serem corrigidos. Para que essa forma de discriminação em relação a linguagem não ocorra, é preciso que haja a conscientização e respeito aos padrões culturais e linguístico de cada pessoa. Porém, é no campo educacional que ocorre com mais frequência casos de preconceito. Nesse sentido, percebe-se a importância em abordar essa temática, pois segundo Bagno (2007):

É preciso abandonar essa ânsia de tentar atribuir a um único local ou a uma única comunidade de falantes o “melhor” ou o “pio” português e passar a respeitar igualmente todas as variedades da língua, que constituem um tesouro precioso de nossa cultura. Todas elas têm o seu valor, são veículos plenos e perfeitos de comunicação e de relação entre as pessoas que as falam. (BAGNO, 2007, p. 44).

Portanto, pela falta de conhecimento das diferenças linguísticas as pessoas acabam cometendo essa discriminação. Sendo assim, o docente deve estar sempre atento aos fenômenos linguísticos que podem ocorrer nas suas aulas, e principalmente reconhecer o perfil sociolinguístico dos alunos para que juntos possam conhecer o repertório verbal e a competência comunicativa, para que haja uma relação social menos discriminatória no campo de ensino.

Dentro desse contexto, o trabalho do professor em sala de aula é de extrema relevância, tendo em vista que ele deverá apresentar aos seus educandos que a variação linguística existe e está presente em diversos ambientes sociais. Posto isso, cabe ao professor ser o transformador do ensino e aprendizagem, sendo que o seu posicionamento frente a ocorrência de variações é crucial para a aquisição crítica dos seus alunos, onde os mesmos irão conhecer a existência de diferentes formas verbais e saber que elas têm sua importância no seu lugar de interação.

A discussão sobre esse assunto deve ser sempre estimulada, e a escola deve trabalhar as diferenças dialetais já que, “o problema do preconceito disseminado na sociedade em relação às falas dialetais deve ser enfrentado na escola, como parte do objetivo

educacional mais amplo de educação para o respeito à diferença” (BRASIL, 1997, p. 26). Deve-se também possibilitar ao aluno a apropriação do dialeto padrão, não para padronizar a sua fala, mas para propiciar a adequação de um instrumento que lhe concederá ser um cidadão mais participativo e crítico perante a sociedade.

3. METODOLOGIA

Para a realização dessa pesquisa, adotou-se o seguinte percurso: levantamento bibliográfico, pesquisa de campo e análise e discussão dos dados obtidos. O trabalho de levantamento bibliográfico é a base teórica desta pesquisa, e esta contribuiu de forma significativa para a interpretação dos resultados obtidos.

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a pesquisa bibliográfica, “É um apanhado geral sobre os principais trabalhos já realizados, revertido de importância, por serem capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados com o tema”. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 158). Desta forma, a construção do referencial teórico contou com alguns teóricos como Bortoni-Ricardo (2004), Bagno (2007), Mussalin e Bentes (2012), Fiorin (2018), entre outros, bem como com a contribuição dos documentos oficiais como os PCN (1997,1998) e a BNCC (2018).

A etapa destinada à pesquisa de campo, foi voltada aos professores de múltiplas áreas de formação educacional (História, Geografia, Biologia e Matemática), na Escola Estadual do Ensino Médio Dr. Fábio Luz, para alunos do 1º, 2º, 3º ano do ensino médio, uma vez que, na escola estão presentes alunos de diversos grupos sociais como: indígenas, japoneses e quilombolas. Desta forma, cogitou-se a hipótese de estudos voltados para a ocorrência de variação linguística, haja vista, esses estudantes muitas vezes não falarem considerando a norma padrão.

Desse modo, essa pesquisa seguiu o método qualitativo, pois é uma pesquisa que foi descrita e analisada de forma indutiva. Assim, “a pesquisa qualitativa não se preocupa com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais”. (GERHADT;

SILVEIRA, 2009, p. 32).

Para desenvolver a pesquisa, foram observadas 26 aulas distribuídas das seguintes formas: 8 aulas destinadas a disciplina de matemática, 6 aulas para a matéria de geografia, 6 para a de história e as outras 6 foram destinadas para a disciplina de biologia, com o intuito de conhecer o ambiente, observar o comportamento dos alunos em relação às variantes linguísticas e a postura do professor frente a essas diferentes formas de comunicação que podem ocorrer em sala de aula. Deste modo, para Lakatos e Marconi (2002), “a observação auxilia o pesquisador a identificar e obter provas a respeito de objetivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam seu comportamento” (LAKATOS; MARCONI, 2002, p. 88).

Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário aos quatro docentes com algumas perguntas, as quais estão relacionadas com a sua formação, os pressupostos da sociolinguística, as variantes e o preconceito linguístico, por meio da ferramenta de pesquisa Formulários Google e teve seu link compartilhado individualmente pelo Whatsapp, acompanhado de uma mensagem explicando o propósito de tal pesquisa. Para Lakatos e Marconi (2002, p. 98), o questionário é “um instrumento de coleta de dados constituído por uma série ordenada de perguntas”.

Para a etapa da análise e discussão dos dados, primeiramente foram organizados os resultados das perguntas, para que desta forma pudesse ser estabelecido o perfil dos informantes. Ademais, as perguntas deste questionário foram distribuídas em quadro e ordem numérica para uma melhor organização. Os dados referentes à segunda parte do questionário, foram examinados a partir dos objetivos definidos, e do referencial teórico estabelecido, buscando encontrar características que pudessem conversar com as teorias. Cabe destacar, que o anonimato dos informantes foram preservados, por isso foram utilizados as siglas P1, P2, P3, P4 para identifica-los, mantendo com isso, o sigilo ético dos profissionais participantes. Assim na sessão seguinte, serão apresentados os resultados encontrados a partir das observações e da aplicação do questionário aos docentes.

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Esta seção, destina-se a realizar a discussão dos resultados obtidos por meio das observações e dos dados concedidos pelos quatro informantes ao questionário aplicado. Ademais, a análise dos dados é a etapa da leitura e interpretação de tudo o que foi coletado até o momento, realizando a decodificação necessária para chegar aos resultados concretos do que se pretendeu alcançar com a pesquisa. Para Marconi e Lakatos (2002, p. 35), a análise dos dados é a tentativa de evidenciar as relações existentes entre fenômenos estudados com outros fatores. Assim, o pesquisador entrará em maior detalhes com os dados estatísticos, a fim de conseguir responder a suas indagações.

Com isso, para a análise, organizou-se o próprio questionário, onde as primeiras cinco perguntas foram elaboradas para estabelecer o perfil de cada colaborador, e as outras quatro perguntas para verificar o entendimento destes sobre a sociolinguística, e assim, confirmar a importância dos estudos sociolinguísticos na formação de professores de diversas áreas no campo educacional.

Vale ressaltar, que a análise dos dados desse questionário foi feita a partir de algumas teorias listadas no referencial teórico, mais precisamente as ideias de Bagno (2007), Bortoni-Ricardo (2004), Alkmim (2012) e o PCN (1997, 1998). Ademais, foram utilizadas também nessa análise ideias de Antunes (2017), Pessoa (2011), Silva (2013), Gerardi (2010), BNCC (2017/2018) e Cyranka (2016), para a contextualização das respostas obtidas.

4.1 Perfil dos informantes

No que tange a formulação do perfil dos informantes, a primeira parte do questionário dispunha de cinco perguntas: 1) Nome, 2) Sexo, 3) Formação acadêmica, 4) atuam na área de sua formação, 5) Há quantos tempo você atua nessa área. Segue abaixo a primeira parte do questionário, com o perfil dos informantes, levando em consideração a privacidade de cada um, os quatro colaboradores serão denominados como: P1, P2, P3 e P4. Logo a nomenclatura dos informantes está localizada na primeira linha do quadro a seguir, enquanto as demais perguntas estão divididas nas primeiras colunas devidamente enumeradas. Observa-se:

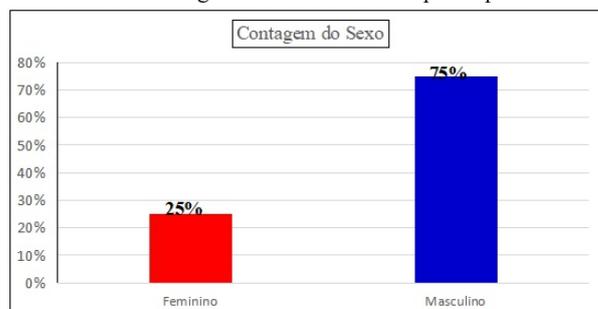
Quadro 1 - Perfil dos participantes

Participantes	P1	P2	P3	P4
2. Sexo	Feminino	Masculino	Masculino	Masculino
3. Qual é a sua formação acadêmica?	Biologia e Física	Licenciatura Plena em Matemática	Licenciatura em História	Pós-graduação em Geografia
4. Você atua na sua área de formação?	Sim	Sim	Sim	Sim
5. Há quanto tempo você atua nessa área?	18 anos	21 anos	30 anos	16 anos

Fonte: Elaborado pelas autoras (2022).

Pelo quadro acima, pode-se notar que ele tem um quantitativo de cinco perguntas distribuídas de forma ordenada, sendo que, a questão nº1 diz respeito ao nome do informantes, a questão nº2 refere-se ao sexo, questão nº3 a formação acadêmica, questão nº4 se eles trabalham na sua na área de formação e a questão nº5 há quantos tempo eles atuam nessa área. Em relação a pergunta nº2 referente ao sexo dos informantes, obteve-se o seguinte resultado:

Gráfico 2 - Pergunta sobre o sexo dos participantes.



Fonte: Formulários Google (2022).

Dos 100% que responderam à pergunta, 75% são do sexo masculino, sendo o P2 licenciado em matemática, o P3 licenciado em história e o P4 pós-graduado em geografia, percebendo com isso que, a maioria dos informantes são do sexo masculino, e apenas um informante (P1) pertence ao sexo feminino, que corresponde a 25%.

Quando questionados se eles atuam na sua área de formação, todos responderam que sim. Referente à pergunta 5, pode-se perceber que todos têm experiência no exercício da docência há mais de 15 anos.

A experiência do professor em sala de aula é um fator relevante, pois talvez eles já tivessem contato com alguma variante linguística. Nesse sentido, o educador deve conduzir seu fazer pedagógico com um olhar que coincida com o cotidiano, a partir das experiências vivenciadas em sala de aula.

Conforme Bagno (2007), o professor é profundo conhecedor da língua, isso quer dizer que como sujeito consciente das constantes mudanças linguísticas, o mesmo entende que o ensino deve ser repensado sob os diversos pontos de vista educacionais, para então romper com toda forma de preconceito. A respeito disso, Antunes (2007) afirma que:

Devemos ainda rejeitar (denunciá-la, até) qualquer atitude preconceituosa e não perder a oportunidade de abrir a discussão sobre tais pontos, a fim de possibilitar um entendimento equilibrado da questão: existem muitos falares; todos são legítimos cada um é apropriado a uma situação particular. (ANTUNES, 2007, p. 100).

Corroborando com o exposto, Bortoni-Ricardo (2004, p. 37) discorre que, os professores têm que ser sujeitos reflexivos, e devem considerar como imprópria a expressão “erro” de português, já que não existem erros na língua, mas sim diferenças dialetais.

Então na área do ensino, o educador tem que apropriar-se de conhecimentos linguísticos, para poder utilizar uma pedagogia que não leve o aluno que utiliza um dialeto diferente ao constrangimento. Como também, ter conscientização sobre a variação sociolinguística cultural na comunidade escolar, utilizando todas as oportunidades para realizar estratégias de ensino interacional conjuntamente com seu alunado.

Estabelecido o perfil dos informantes, passaremos então para a segunda parte do questionário, voltado para questões relacionadas com sociolinguística, onde foram analisadas as respostas para quatro perguntas discursivas propostas. A primeira delas, consiste em saber se os professores conhecem os estudos da sociolinguística, descritas no quadro abaixo:

Quadro 2 - Pergunta nº 1 sobre a sociolinguística na perspectiva educacional.

PERGUNTA 1: VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DOS ESTUDOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA? SE SIM, COMENTE UM POUCO SOBRE O ASSUNTO.	
P1	“Sim, É área da linguística que estuda a língua, levando em consideração o aspecto social, ou seja, o seu função da sociedade”.
P2	“Sim, A sociolinguística trata da relação entre homem com a linguagem”.
P3	“Sim”
P4	“Sim, já ouvi falar e percebo que é algo muito importante do sentido de não apontar um dialeto certo em detrimento do outro”

Fonte: Pergunta nº 1 sobre a sociolinguística na perspectiva educacional.

Tendo como base a primeira pergunta, a qual tem como objetivo saber se os professores já ouviram falar sobre os estudos da sociolinguística, o P1 declara conhecer a pesquisa e discorre que é um ramo de estudo da língua, a qual está relacionada com as características de uma determinada comunidade.

O P2, por sua vez, afirma que a sociolinguística é a ligação entre a linguagem e a sociedade, isso quer dizer que essa relação é a base para constituição do indivíduo. Assim, a partir da concepção do professor, consegue-se perceber que ele conhece a base do que vem a ser os pressupostos da sociolinguística.

Desta forma, deve-se levar em consideração que para chegar a essa ideia de relação entre o homem, linguagem e aspectos sociais, foi preciso um estudo sistemático de pesquisas linguísticas, fruto de diversos estudiosos como Ferdinand de Saussure; passando por teorias de Bakhtin; Jakobson; Chomsky; entre outros, até chegar à concepção variacionista da língua.

No que tange a resposta do P3, nota-se que ele tem um conhecimento sobre os estudos da sociolinguística, porém ele não discorre sobre o assunto, dando margem para entender que ele não soube ou não quis se aprofundar no assunto, levando-nos a pensar na importância de criar proposta que envolvam a heterogeneidade da língua nos cursos de formação de professores. Com o mesmo pensamento, Pessoa (2011) expõe que:

Se o Curso de Formação de Professores adotar a postura reflexiva, ao subsidiar as Práticas Didático-Pedagógicas da Educação Formal, provocará grande impacto científico, inclusive, inicialmente, junto à Educação Linguística da população escolar” (PESSOA, 2011, p. 154).

Assim, acredita-se que os cursos de formação de professores são essenciais para se debaterem essa discussão sobre o ensino e aprendizagem da diversidade linguística, pois é dever de todos os professores, e não somente dos professores de língua portuguesa, trabalhar para que práticas discriminatórias não venham a ocorrer.

Já o P4, afirma já ter ouvido falar e compreendido a importância de se conhecer os diferentes dialetos existentes. Pois, segundo ele, o conhecimento sobre esse assunto contribui para que não haja um tratamento desrespeitoso em relação ao

modo de falar das pessoas em virtude de achar que o seu dialeto é superior ao outro.

Com esses reconhecimentos, entende-se a importância do estudo da sociolinguística, pois essa área é uma forte aliada para enfrentar a discriminação da linguagem. Posto isso, a próxima pergunta dialoga com a primeira, haja vista a sociolinguística ter como propósito o estudo da variação linguística e suas estruturas. Vê-se:

Quadro 3- Pergunta nº 1 sobre a sociolinguística na perspectiva educacional.

PERGUNTA 1: VOCÊ JÁ OUVIU FALAR DOS ESTUDOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA? SE SIM, COMENTE UM POUCO SOBRE O ASSUNTO.	
P1	"Sim. É área da linguística que estuda a língua, levando em consideração o aspecto social, ou seja, o seu função da sociedade".
P2	"Sim. A sociolinguística trata da relação entre homem com a linguagem".
P3	"Sim"
P4	"Sim, já ouvi falar e percebo que é algo muito importante do sentido de não apontar um dialeto certo em detrimento do outro"

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

A segunda pergunta desse questionário, teve como objetivo extrair dos professores seus conhecimentos sobre o conceito de variação linguística. Nesse sentido, o P1 demonstra que conhece o conceito sobre a variação linguística, e que o termo está atrelado ao fenômeno do uso de diferentes formas linguísticas.

O P2, por sua vez, também afirma saber sobre o que é a variação linguística, discorrendo que a mesma trata-se das diferentes formas que existem de se falar um mesmo idioma em diferentes regiões. Portanto, percebe-se que o docente tem um domínio parcial sobre a variação, uma vez que, ele não aborda outros fatores que influenciam na variação da LP, como por exemplo: questões sociais; históricas; geográficas e socioeconômicas. A resposta do docente corrobora com Alkmim (2012) que trata da variação como uma junção desses fatores, visto que a língua está em constante modificação às inúmeras formas de comunicação.

Por outro lado, o P3 apesar de afirmar ter conhecimento sobre a variação linguística, todavia, não se preocupou ou não soube contextualizar sua resposta, não possibilitando dessa forma uma análise mais profunda.

Por último, tem-se a resposta do P4, o qual assim como os demais professores, afirma ter entendimento sobre o tema pesquisado, para tal o docente define a variação linguística como consequência da diversidade existente no Brasil. Logo, para ele, a

diversidade nas falas das pessoas nada mais é do que o reflexo da pluralidade cultural brasileira.

Conforme os PCN (1997), é de grande relevância:

(...) conhecer e valorizar a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, bem como aspectos socioculturais de outros povos e nações, posicionando-se contra qualquer discriminação baseada em diferenças culturais, de classe social, de crenças, de sexo, de etnia ou outras características individuais e sociais (BRASIL, 1997, p. 15).

Consoante a tal afirmação, no nosso território há uma pluralidade cultural que contribui para as diferenças dialetais, essas, precisam ser conhecidas e respeitadas para que não ocorra alguma forma de zombaria, causando o desentendimento entre as pessoas pela falta de aquisição do conhecimento sobre essa temática.

Desta forma, o profissional de ensino precisa saber lidar com essas situações de desrespeito e atitudes puristas excludente, pois sabemos que o Brasil é um lugar diversificado em sua formação social com a presença de índio; negros, europeus; asiáticos, entre outros, que precisam ser consideradas e valorizadas.

Relacionado a isso, a pergunta três a qual teve como objetivo saber se os educadores tinham conhecimento sobre preconceito linguístico, se obteve as seguintes respostas:

Quadro 4 - Pergunta nº3 sobre o preconceito linguístico.

PERGUNTA 3: VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE O PRECONCEITO LINGÜÍSTICO? SE SIM, DISCORRA UM POUCO SOBRE A TEMÁTICA.	
P1	"Sim. É quando a pessoa sofre preconceito devido a forma como o falante utiliza a língua em suas diferentes formas".
P2	"Sim".
P3
P4	"Sim, o preconceito acontece justamente pela falta de conhecimento da variação linguístico no Brasil associado a formação de cada indivíduo no âmbito social".

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O relato do P1 aponta para algo já mencionado por Silva (2013, p. 51), sobre o preconceito linguístico estar associado ao fato de um falante se comunicar, sobretudo quando há uma postura de inferioridade entre as falas, por exemplo o uso da norma culta/padrão em detrimento das variações menos prestigiadas.

Já o P2, apenas afirmou saber do que trata o termo preconceito linguístico, entretanto não discorreu sobre. O P3, não respondeu à pergunta,

levando-nos a pensar que ele nunca ouviu falar sobre o tema. Por outro lado, o P4 usa como justificativa para a ocorrência do preconceito linguístico, a falta de conhecimento acerca da variação linguística, demonstrando assim, saber sobre essa área de estudo.

Reforçando as respostas dos professores, a questão da formação de cada indivíduo na esfera comunicativa, parte do ensino da língua, seja ela culta ou não, e o modelo idealizado de língua considerada “certa”, vem confundir o uso real por parte dos falantes de uma linguagem mais prestigiada. Na comparação entre os dialetos podemos afirmar que não existe nenhum melhor e nem pior que o outro. O que acontece é que, “quando uma língua se institucionaliza por meio da criação de instrumento prescritivo, como a gramática normativa, tende a escolher um de seus dialetos como padrão, sendo esse o que detêm o prestígio social”(SILVA, 2013, p. 21). Tal fato, acaba levando o indivíduo que usa a norma-padrão a ridicularizar os dialetos de menor prestígio social.

Sendo assim, o ensino da variação deve ser debatido em sala de aula, pois o cidadão é identificado a partir da sua língua. Diante disso, é fundamental mediar o aspecto alusivo a esse produto cultural que é a linguagem. Em concordância, Geraldi (2010), vê a linguagem como:

Condição sine qua non na apreensão e formação de conceitos que permitem aos sujeitos compreender o mundo e nele agir; ela é ainda a mais usual forma de encontro, desencontro e confronto de posições porque, é através dela que estas posições se tornam públicas. Por isso, é crucial dar à linguagem o relevo que de fato tem: não se trata evidentemente de confinar a questão educacional à linguagem, mas trata-se da necessidade de pensá-la à luz da linguagem. (GERALDI, 2010, p. 34).

Assim, é nesse processo que a educação implica, na mediação entre sujeito, admitindo que a escola como um lugar subjetivo construa pauta que faça o indivíduo se identificar como pessoa, e reconhecer o senso comum que é a linguagem, fator este indispensável para o desenvolvimento intelectual do indivíduo.

Isso posto, a última pergunta do questionário objetivava saber se as participantes já tinham vivenciado alguma situação, como: a discriminação envolvendo preconceito linguístico e, em caso afirmativo, em que contexto? conforme se pode

observar a seguir:

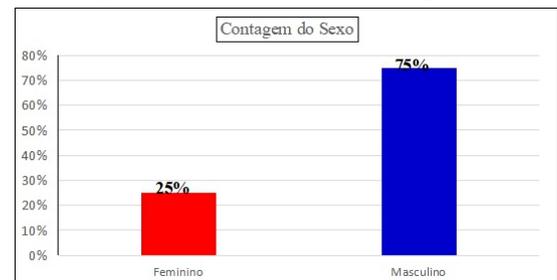
Quadro 5 - Pergunta nº 4 sobre as vivências relacionadas ao preconceito linguístico aos professores linguístico.

PERGUNTA 3: VOCÊ JÁ OUVIU FALAR SOBRE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO? SE SIM, DISCORRA UM POUCO SOBRE A TEMÁTICA.	
P1	“Sim. É quando a pessoa sofre preconceito devido a forma como o falante utiliza a língua em suas diferentes formas”.
P2	“Sim”.
P3
P4	“Sim, o preconceito acontece justamente pela falta de conhecimento da variação linguístico no Brasil associado a formação de cada indivíduo no âmbito social”.

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

O informante P1 nunca presenciou ou vivenciou situações de preconceito linguístico. O P2, P3, e o P4, afirmaram já ter presenciado situações preconceituosas entre seus alunos. O gráfico a seguir apresenta algumas questões importantes quanto aos dados coletados:

Gráfico 2 - Pergunta referente ao preconceito linguístico linguístico.



Fonte: Formulários Google (2022).

Constatou-se, através dos dados obtidos, que 25% dos informantes nunca presenciaram ou vivenciaram situações envolvendo o preconceito linguístico, e 75% disseram já ter vivenciado tais situações. Todos usaram como exemplos, eventos envolvendo o fator regional como principal causa da discriminação linguística.

O fator regional é uma das causas principais para a ocorrência de preconceito linguístico, isso se deve ao fato de falantes de uma região mais desenvolvida de que outras se acharem linguisticamente superiores, com isso acabam cometendo algum tipo de aversão às pronúncias típicas dessa região. Nesse sentido, a BNCC (2017/2018) afirma que:

Compreender as línguas como fenômeno (geo) político, histórico, cultural, social, variável, heterogêneo e sensível aos contextos de uso, reconhecendo suas variedades e vivenciando-as como formas de expressões identitárias, pessoais e coletivas, bem como agindo no enfrentamento de preconceitos de qualquer natureza”. (BRASIL, 2017/2018, p. 494).

De acordo com a BNCC, compreender e analisar as situações sociais da linguagem é de extrema importância para que não ocorra a disseminação do preconceito linguístico na sociedade.

Diante disso, percebe-se a relevância de pesquisas como essa, pois a partir das respostas dos professores participantes, constata-se que o fenômeno do preconceito linguístico não ocorre somente nas aulas de língua portuguesa, portanto seu combate deve ocorrer nas mais diversas áreas de ensino. Tal afirmação, mostra-se em consonância com as palavras de Cyranka (2016, p. 167) a qual sustenta que todo “o professor, não apenas o da disciplina de Língua Portuguesa, deve ter em mente o caráter heterogêneo de toda língua, isto é, as diferenças existentes, inelutavelmente, nos usos linguísticos”. Tais questionamentos fazem-nos refletir que o profissional de educação tem que ser um pesquisador da área. E nessa vertente Bagno (2007) afirma que:

Cada professor de língua tem que assumir uma posição de cientista e investigador, de produtor de seu próprio conhecimento linguístico teórico e prático, e abandone a velha atitude repetidora e reprodutora de uma doutrina gramatical contraditória e incoerente. (BAGNO, 2007, p.140).

Portanto, todo educador seja ele formado em língua portuguesa ou não, deve ser um explorador da língua, pois quando estiver em sala de aula e ocorra uma discriminação pelo fato de seu aluno não falar de acordo com a norma culta, ele saberá abrir uma discussão sobre a variação linguística e preconceito entrelaçado a ela, ensinando a todos que existem diversidades e que essas precisam ser reconhecidas, além do mais, ensinar bem é ensinar para o bem. Nas palavras de Bagno (2007, p.145), “ensinar para o bem significa respeitar o conhecimento intuitivo do aluno, valorizar o que ele já sabe do mundo, da vida, reconhecer na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, nesta pesquisa abordamos o tema prática docente frente ao fenômeno da variação linguística direcionada às múltiplas áreas da educação. Foi possível observar que a questão ainda traz muitas reflexões sobre a importância da sociolinguística no ensino, pois os dados nos mostram que uma parcela dos informantes não conseguem discorrer profundamente sobre a problemática

Assim, pode-se notar que é muito relevante trabalhar nos currículos da educação, a sociolinguística e suas correntes, para que não aconteça alguma forma de preconceito linguístico pelo motivo de um aluno se comunicar utilizando uma linguagem não-padrão. Considerando que os dados aqui registrados, mostram que por mais que os professores de outras áreas educacionais conheçam o assunto, ainda assim é muito pouco para se evitar a discriminação pelo modo como o aluno fala.

Logo, os professores, sendo os construtores no processo de conhecimento dos alunos, necessitam conhecer a realidade linguística dos mesmos sem discriminá-las, para a partir disso poder se pensar em meios para se ter uma educação mais igualitária em todos os sentidos.

Desta forma, os objetivos aqui propostos foram alcançados, uma vez que se tinha como finalidade verificar o grau de conhecimento dos professores de áreas distintas de Língua Portuguesa sobre o tema variação linguística. Foi observado, a partir das respostas dos informantes, que as ideias elencadas no trabalho foram compatíveis com o desenvolvimento teórico aqui apresentado, os docentes precisam ser investigadores da língua, uma vez que, ela é heterogênea e com isso vem se transformando a cada dia.

Portanto, percebe-se a importância em ampliar novos conhecimentos a respeito da variação linguística para outras áreas da educação, haja vista que, como cidadãos temos obrigações linguística, isso significa, ter conhecimento da língua que utilizamos em nosso cotidiano, pois através do modo que nós a manuseamos, podemos receber algumas ações, tanto positivas como negativas, de uma sociedade preconceituosa, e com isso saberemos nos posicionar em relação a essas ações.

Diante disso, esperamos ter contribuído com esse estudo, pois percebemos o quão é importante ter discussão sobre a problemática aqui trabalhada na formação de professores. Enfim, acredita-se que essa pesquisa possa abrir novos horizontes para estudiosos no ramo da linguística, pois o tema é muito abrangente e fica em aberto para se trabalhar em diversas áreas, seja ela educacional ou não, já que a variação linguística está presente em todas as esferas comunicacionais.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística parte II. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.) **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**, v. 1. 9. Ed – São Paulo: Cortez, 2012. p. 23-50.
- ANTUNES, Arandé. **Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/v10sxs>. Acesso em 25 maio 2022.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 48-49 ed. São Paulo: Loyola, 2007. 186 p.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). **Base Nacional Comum Curricular**. Educação é a Base. Brasília, 2017/2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em 03 out. 2022.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental: **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998. p. 82. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/portugues.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2022.
- BRASIL, Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino da primeira à quarta série: Língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro02.pdf>. Acesso em: 28 maio 2022.
- BELINE, Ronald. A variação linguística. In: FIORIN, José Luíz (org.). **Introdução à linguística**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 121-140.
- BORTONI-RICARDO, Stella. **Educação em língua materna – a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. 111 p.
- CYRANKA, L. Sociolinguística Aplicada à Educação. In: MOLLICA, M. C.; JUNIOR, C. F. (org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**. São Paulo: Editora Contexto, 2016. p. 167- 176.
- GERALDI, João Wanderley. A aula como acontecimento. In: **A linguagem e a questão escolar**. São Carlos: Pedro & João, 2010. p. 33-37. Disponível em: <https://document.onl/download/link/textos-geraldi-i>. Acesso em 10 out. 2022.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A; **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração e interpretação de dados**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://docero.com.br/doc/ss51sn>. Acesso em: 5 jun. 2022.
- LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Fundamentos da metodologia científica**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 2003. Disponível em: https://docente.ifrn.edu.br/olivianeta/disciplinas/copy_of_historia-i/historia-ii/china-e-india. Acesso em: 5 jun. 2022.
- PESSOA, Maria do Socorro. **Sociomada: sociolinguística na formação de professores para atuarem nos ambientes pluri-linguísticos-dialetais do(s) povo(s) amazônico(s)/amazônida (s)**. Revista Pesquisa & Criação. Vol. 10, nº 1. Janeiro/Junho de 2011. 154 p. Disponível em: <http://www.periodicos.unir.br/index.php/propesq/article/viewFile/401/431>. Acesso em 14 out 2022.
- SILVA, Rita do Carmo Poli da: **A Sociolinguística e a Língua Materna**. 1 ed. Curitiba: Intersaberes. 2013. Disponível em: <https://doceru.com/doc/sccn5n>. Acesso: 20 set. 2022. p. 247.